

Leopardi e o mundo de língua portuguesa: Brasil*

Giuseppe Carlo Rossi

Tradução de Andréia Guerini e Ingrid Bignardi CNPq/Capes

Universidade Federal de Santa Catarina

andrea.guerini@gmail.com; ingridbignardi@gmail.com

No Brasil, Leopardi é um autor que está presente, junto com outros poetas europeus (Byron, De Musset, Lamartine, Espronceda), no delinear-se e no desenvolvimento do romantismo brasileiro. O Brasil romântico, independente da antiga terra mãe portuguesa (1822), anseia a autonomia também no campo do espírito e, pela poesia, abre os olhos sobre os grandes movimentos e sobre grandes figuras dos outros países da Europa, além da fronteira de Portugal. E Leopardi está presente de modo particular no poeta com o qual se costuma começar a segunda geração romântica, Manuel António Álvares de Azevedo, que morreu em 1852, aos 21 anos. A sua experiência humana, e a meditação lírica sobre ela, correspondem à idade. A sua poesia é psicológica e formalmente espontânea e primitiva.

Leopardi não aparece entre os vários nomes de grandes europeus (Byron, Sand, De Musset, Lamartine; e depois Hugo, Shakespeare e outros), cujas máximas e versos costumam abrir as poesias de Álvares de Azevedo, mas os estados de ânimo leopardiano estão presentes, reduzidos a formas mais simples na sua obra, sobretudo na coletânea, em três partes, de *A Lira dos vinte anos* e nas *Poesias diversas*. E se constata esse fato também em tantos títulos de suas líricas: “Esperanças”, “Virgem morta” (primeira parte de *A Lira...*), “Lágrimas da vida” (terceira parte de *A Lira...*), “Se eu morresse amanhã” (*Poesias diversas*). E se colhe um eco, o eco das líricas leopardianas, nas quais a imagem da juventude dada como remota se une àquela de Silvia desaparecida, particularmente em uma lírica intitulada “Lembrança de morrer”.¹

* Esta tradução apresenta a segunda parte do artigo publicado em italiano e intitulado “Il Leopardi e il mondo di lingua portoghese”, de Giuseppe Carlo Rossi publicado em Leopardi e l'Ottocento: Atti del II Convegno Internazionale di Studi Leopardiani. Recanati: Leo S. Olschki, 1967, p. 565-576. A primeira parte do artigo que trata da presença de Leopardi em Portugal foi publicada em *Appunti Leopardiani 15, Leopardi nel sistema culturale portoghese/Leopardi no sistema cultural português*, 2018, pp. 19- 23, in: <http://www.appuntileopardiani.cce.ufsc.br/edition15/>

¹ Reproduzimos um trecho:

Eu deixo a vida como deixa o tédio
do deserto, o poente caminheiro
-- como as horas de um longo pesadelo
que se desfaz ao dobre de um sineiro;
como o destêro de minh'alma errante,
onde logo insensato a consumia:
só levo uma saudade - é desses tempos

Situações leopardianas aparecem evidentes nos poetas representantes das experiências sucessivas. Destaca-se, entre esses, Raimundo Correia (1859-1911), morto em Paris, que representa em um modo liricamente feliz a passagem entre o último romantismo (*Primeiros sonhos*, 1879) e as formas parnasianas (*Sífonias*, 1883). São ecos que se colhem mais na experiência direta do que nos estados de ânimo, assim como se colhem ecos análogos, esses também dificilmente especificados de Hugo por Théodor de Bainville, de Lecomte de Lisle.

Isso, porém, é mais importante e significativo do que a crítica tem expressamente colocado em confronto Raimundo Correia com Antero de Quental, chamando-os ambos “poetas filósofos”, destacando também nesse poeta brasileiro “o sentimento do efêmero da vida e das coisas, a morte das ilusões..., a celebração da natureza..., a inquietude metafísica mal domada”². Chega-se desse modo ao mundo leopardiano: as meditações na difusa luz lunar (“A lua”, “Quimera”, “A cavalgada”, “Luar do verão”, “Ária nocturna” etc.), o sentimento da morte (“Duas mortes”, “Nascer...morrer” etc.), amor, dor e morte (“Muita vez eu pergunto aos raciocínios meus”, “Amor e vida” etc.), a atração do mundo clássico (“Aspásia”, “A Venus de Viena”, “Anacreónica”, “Horácio Flaco”, e tantas outras líricas).

Um uso curioso do nome de Leopardi foi realizado pelo literato e diplomata Rui Barbosa (1849-1923), o maior orador que teve o Brasil, tornando-se célebre também na Europa por suas intervenções na conferência internacional de paz em Haia (depois das intervenções foi definido como “a águia de Haia”).

Em uma famosa conferência comemorativa do decênio da morte de um notável poeta brasileiro, Castro Alves, ocorrido na Bahia em 1881 (*Elogio de Castro Alves*), Barbosa, enquanto se vale da habitual e fascinante habilidade em apresentar a obra do poeta, em um certo momento afirma³: “Existem oráculos, eu bem sei que não admitem gênios de quarenta anos, nem sem uma certa bagagem de volumes publicados. Mas aos vinte anos apenas e com só duas poesias, Giacomo Leopardi conquistou, no primeiro quarto deste século, os louros, que ainda

que amorosa ilusão embelecia.

.....
Só tu à mocidade sonhadora
do pálido poeta dêste flores ...
Se viveu, foi por ti! e de esperança
de na vida gozar de teus amores.

² L. Ivo, na introdução à *Antologia de Raimundo Correia*, na coleção brasileira dos “Nossos Clássicos”. Rio de Janeiro, 1963, 2a ed., pp. 11-12.

³ É registrada às pp. 18-19 del vol. VIII, t.1, da edição das *Obras Completas*, organizada pelo Ministério Brasileiro da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1957 (O “Elogio a Castro Alves” se encontra nas páginas 7 a 43 do tomo).

suscitam, do primeiro poeta contemporâneo do seu país”⁴, naquela segunda parte da arte, mereceu que atribuíssem a ele a filiação literária da estirpe de Dante”⁵. E ao referir-se a Castro Alves, continua: “... O acusaram de lhe faltar a pureza clássica da palavra que assina as obras imperecíveis. Certamente, a sua privilegiada capacidade foi adquirida de pesquisas incalculáveis nas fontes de nossa prodigiosa língua, não menos soberana, não menos imensa, não menos onipotente que a da Itália”⁶.

A afirmação, interessante para um leitor italiano, é ao mesmo tempo documento da variedade de leituras de Barbosa (como nos documentam as notas do seu texto) com a sua honestidade de literato, que cita textualmente as próprias fontes.

Mas o autor brasileiro de um explícito e longo ensaio sobre Leopardi, que nada perdeu do próprio significado e da própria validade para ser ditado pelas circunstâncias comemorativas do centenário de nascimento do poeta, é um outro literato e erudito, diplomata de carreira, italiano de eleição, podemos sem dúvida dizer, Carlos Magalhães de Azeredo, que viveu na Itália uns setenta anos depois de ter exercido as funções de representante do seu país na Santa Sé, de modesto funcionário no início da carreira até o posto de embaixador, por uns quarenta anos, de 1896 em diante: completada a sua atividade, ele permanece na Itália, onde morreu próximo dos noventa anos (1874-1963). A ele, os grandes escritores e poetas italianos do início do século não foram conhecidos somente na Europa, mas também nas pessoas: Carducci, Fogazzaro, sobretudo D’Annunzio, dos quais (e de tantos outros) traduziu ou se inspirou em uma obra poética variada, a qual espera, entre outros, o mérito de ter introduzido na poesia de língua portuguesa os metros clássicos, a começar pelo dístico hexâmetro-pentâmetro⁷. A finalidade do seu ensaio *Leopardi*, o único dedicado a um italiano na coletânea *Homens e livros* (Rio de Janeiro-Paris 1902), os outros referem-se a poetas, narradores e críticos brasileiros, portugueses e franceses, é assim descrita na frase conclusiva: “Eu que, estrangeiro curioso dos fatos intelectuais deste país, senti sob a influência daquela comemoração [entende-se: do

⁴ Neste ponto, no final da edição, está inserida a seguinte nota: “This Canzone (*All’Italia*), with the one which follows it, must at once have placed him in the first rank among the lyric poets of his country”. W. E. Gladstone: *Gleaning of past years*, vol. II, p. 2. “When we regard Leopardi in this character of a poet - in which to *Italian of the present generation*, except Manzoni, even approaches him, and he in a different order, and perhaps *but* in a single piece ...” Idem, p. 88.

⁵ Neste ponto, no final da edição, está inserida a seguinte nota: “His gift of compression, in particular, is one which seems, not borrowed, for such things no man borrows - they are marked “not transferable” - but descended or inherited from the greatest of all masters of compression, from Dante itself”. Gladstone, *ibidem*, p. 91.

⁶ Neste ponto, no final da edição, está inserida a seguinte nota: “...questa nostra lingua, *sovrana, immensa, onnipotente*” Giacomo Leopardi, op. V, p. 40. *Apud* Gladstone, *op. cit.*, p. 85.

⁷ Sobre a familiaridade de Carlos Magalhães de Azeredo com a cultura e a literatura italiana ver: Giuseppe Carlo Rossi, *Gabriele D’Annunzio e il mondo di lingua portoghese*, no volume: *Gabriele D’Annunzio nel primo centenario della nascita*, Roma, 1963, pp. 161-182.

segundo centenário de nascimento do poeta], ter conseguido o meu intento, inspirar aos leitores, que certamente conhecem Leopardi ao menos através de algumas páginas, o desejo de estudar a fundo o grande poeta, um dos maiores da Itália, um dos maiores deste século que agoniza”. Mas deve-ser dizer que o conteúdo do ensaio vai muito além da modéstia de tal afirmação do seu autor. Dividido em quatro partes, esse texto apresenta, de fato, uma visão geral sobre a vida e sobre a obra do poeta, para as quais se adicionam uma efetiva e rara familiaridade com a tradição cultural e literária italiana, um conhecimento em primeira mão das obras de pensamento o que de criação do mundo europeu em geral, e considerações apreciáveis sobre Leopardi, tanto do ponto de vista dos seus valores poéticos quanto daquele da sua visão das coisas.

A biografia de Leopardi é reconstruída à luz de um verso bíblico (“Homo natus de muliere,/Brevi vivens tempor/ Replectur multis miseriis.”) e de um mote goethiano (“Todo aumento de saber é um aumento de tristeza”), com uma surpreendente precisão de citações da obra de Leopardi e dos italianos e estrangeiros que durante o longo século se ocuparam, por exemplo, de Carducci a Chiarini, de Mestica a De Roberto, e examinaram na sua evolução cronológica e psicológica com oportunismo, o enquadramento no espírito do tempo, nas visões filosóficas e científicas deles (explícita ou implicitamente aplicadas a Leopardi, por exemplo, de Lombroso a Patrizi), nas angústias e nas esperanças e nas decepções (em termos de fé em Deus, nos homens, nas coisas, em termos de amor etc.) do poeta. Com outras tantas precisões e segurança é reconstruída, analisada e avaliada a obra do poeta⁸, na sua gênese e na sua realização, acompanhando também o desenvolvimento da crítica estética e, ainda mais, daquela psicológica em relação a Leopardi. Falta-lhe no ensaio *excursus*, que partindo de Leopardi nos confirmam a cultura, o bom senso, os dotes de sensibilidade e de intelecto do autor, que, ainda uma vez tendo presente o escopo de contribuir para um maior conhecimento de Leopardi (evidentemente no mundo de língua portuguesa), resume, a interpretação da personalidade dele neste modo: “se permanece isolado o filósofo, o poeta em compensação transforma-se súbito em um clássico da língua, estudado e comentado como Dante, Petrarca ou Tasso. Justa homenagem, porque as suas qualidades propriamente estéticas são iminentes”.

⁸ Em um certo momento da exposição no valer-se do *Dialogo della Natura e di un Islandese* para sublinhar a concepção leopardiana da indiferença da natureza em relação ao homem, o autor recorda e cita o trecho de Leopardi sobre Vasco da Gama que se encontra com o gigante Adamastor que queria lhe impedir a passagem ao cabo da Boa Esperança.

De uma tradução de “O Infinito” por parte de um dos mais consideráveis poetas brasileiros, Vinícius de Moraes, temos notícia, sem aliás ter tido a possibilidade de vê-la⁹. Temos, ao invés, sob os olhos uma tradução de muitos *Cantos* de Leopardi de uma outra conhecida personalidade da vida intelectual brasileira dos últimos dez anos. Aloysio de Castro (contemporâneo de Carlos Magalhães de Azeredo), ilustre como médico (foi docente e também decano da faculdade de medicina da Universidade do Rio de Janeiro, entre as suas publicações relacionadas há uma sobre *Augusto Murri e a medicina clínica*) e como literato (foi membro de várias Academias de Letras, no Rio, em Lisboa etc), conhecido também no exterior pela sua atividade de cultura militante (foi membro da comissão de cooperação intelectual da Sociedade das Nações), amigo da Itália (foi diretor do Instituto Ítalo Brasileiro de Alta Cultura). Aloysio de Castro que já tinha traduzido também de Pascoli o “Inno a Roma” (1933, em versos), poeta ele próprio (foi também músico), traduziu Leopardi por ocasião do centenário de morte (e na introdução do volume se refere explicitamente ao ensaio de seu conterrâneo amigo Magalhães de Azeredo que tinha, portanto, chamado a atenção sobre Leopardi na ocasião do centenário de nascimento). O livro foi publicado em Roma em 1937¹⁰. A tradução é precedida por uma premissa de 11 páginas, na qual o autor nos apresenta Leopardi como um poeta que suscita admiração e sobretudo amor (“Como ocorre nas obras em que uma flama secreta nos reviva no coração, os mais íntimos sentimentos, dores, desejos mortos ou alegria da esperança, assim, de tempos em tempos, tornamos instintivamente às suas páginas e pegamos o livro entre as mãos como quem abraça um ser amado”). A afirmação, como se vê, não é peregrina, mas nela se lê a vontade pela feliz reevocação sintética que faz da pessoa e da obra do poeta, e se toma nota com interesse dos críticos com os quais a abundante escolha das líricas foi traduzida e também

⁹ Querendo procurar, poderia-se dizer que reminiscências leopardianas - e são ainda genéricas - se podem vislumbrar em líricas de Vinícius de Moraes. Cita-se, por exemplo, “A vida vivida”, uma das últimas líricas de um primeiro período de atividade do poeta, definido de inspiração “cristã”, após o qual outro lhe definiria “escritor em oposição ao transcendentalismo passado” (lê-se na *Advertência* anônima, da *Antologia poética*, Rio de Janeiro, 2a ed., 1960). A primeira e última das dez quadras de composição dão a chave da angústia que o poeta quer exprimir:

Quem sou eu senão um grande sonho obscuro em face do Sonho

Senão uma grande angústia obscura em face da Angústia

Quem sou eu senão a imponderável árvore dentro da noite incrível

E cujas prêsas remontam ao mais triste fundo da terra?

(E as perguntas angustiadas continuam ao longo das sucessivas oito quadras, até que se chega a última).

O que sou eu senão Ele, o Deus em sofrimento

O tremor imperceptível na voz portentosa do vento

O bater invisível de um coração no descampado...

O que sou eu senão Eu mesmo em face de mim?

¹⁰ Aloysio de Castro nos recorda, na introdução, de ter estado duas vezes em Recanati, a primeira em 1935, a segunda em 1937, precisamente em ocasião da celebração do centenário, e de ter se hospedado, nessa última vez, dois dias, na casa Leopardi, que fala com palavras calorosas, das quais transparece a sua estima pelos descendentes do poeta e pela sua nobre acolhida.

por uma certa visão das relações intercorrentes entre as duas línguas: “eu busquei conservar, tanto quanto o possível, a musicalidade do verso italiano, e a língua portuguesa (eu já afirmei uma vez, a propósito de Pascoli) mais que nenhuma outra consente tal aproximação. Quanto ao desenvolvimento métrico e à colocação das rimas, respeitei nas traduções o texto do poeta, recorrendo apenas raramente às paráfrases ou às equivalências. Nas escolhas dos *Canti* traduzidos preferi, segundo o critério do gosto pessoal, o que a lírica leopardiana tem de mais belo no poder da sugestão poética, versos de amor e dor e morte. Jamais foram escritos os mais altos cantos elegíacos. Há uma voz da eternidade na linguagem de certos poetas, quando falam do amor. Leopardi fará sentir a quem o lê, se sabe amar, que ainda hoje bate o coração do poeta”.

As composições traduzidas são, na ordem do volume: “Il sogno”, “Amore e morte”, “L’infinito”, “Il passero solitario”, “Le ricordanze”, “A Silvia”, “Scherzo”¹¹, “Il primo amore”, “Frammento”¹², “Alla luna”, “A se stesso”, “Il sabato del villaggio”, “La notte del di dí festa”, “Aspasia”, “Canto notturno di un pastore errante dell’Asia”, “Consalvo”, “Il tramonto della luna”, “La ginestra”, “Il fiore del deserto”.

E a tradução coloca de fato em prática os critérios enunciados pelo autor da obra. Por nossa conta, destacamos a preocupação calorosa de conservar com comovida humildade os valores do original. Damo-lhes um exemplo, também para concluir o presente texto, reproduzindo a versão de “L’Infinito”:

Sempre caro me foi o ermo do morro,
Este silvado que, de um lado e do outro,
Me exclue da vista o intérmino horizonte.
Ma quando, em devaneio, aqui me sento,
Se me figuram, para além da sebe,
Espaços e silêncios sobrehumanos,
A paz de profundíssima quietude,
E com isto o coração se me apavora.
Ouvindo o vento que arfa entre os arbustos,
O silêncio infinito a este sussurro
Vou comparando: e entrado em mim evoco
A eternidade, as estações passadas,
O presente ruidoso. Assim, se afunda
Meu pensamento nesta imensidade,
E neste mar é doce sossobrar-me.

¹¹ É a que começa “Quando fanciullo venni”.

¹² É a em cinco tercetos que começa “Io qui vagando al imitare intorno”.